

O GLOBO

27 SET 2003

Silva, Marina

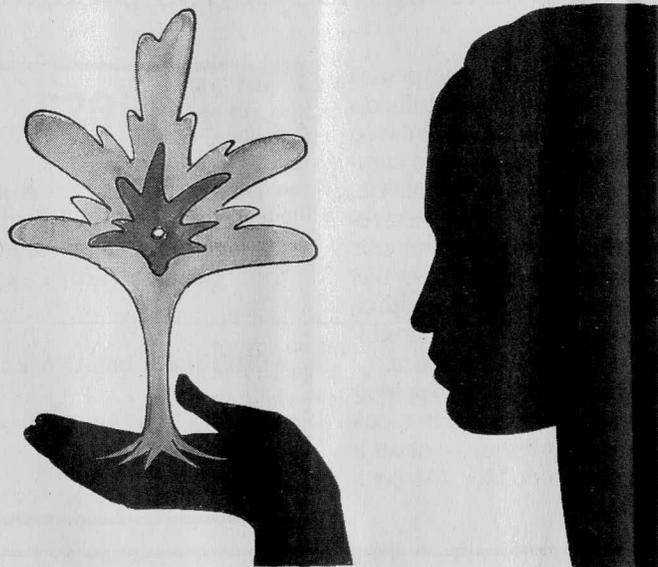
ZUENIR VENTURA

Preservem a Marina

Numa questão em que o vice-presidente diz uma coisa num dia e assina o contrário dois dias depois, em que nem o Verissimo sabe o que fazer, minha única certeza é que, se não se pode livrar a soja dos transgênicos, que pelo menos se livre a ministra Marina Silva do desgaste político. Ela não merece o tratamento que vem recebendo. Se o governo queria um ministério de Meio Ambiente com mais peso simbólico que real, deveria ter feito outra escolha.

Com uma competência reconhecida até pelos adversários nos quase dez anos em que atuou no Senado, com uma história de vida que só lhe permitiu escapar do analfabetismo aos 16 anos, para depois se formar em história e ser a senadora mais jovem do país, esta sobrevivente de cinco malárias, três hepatites e uma leishmaniose, herdeira do que Chico Mendes deixou de melhor, não foi feita para esse papel.

Sabe-se a dificuldade que o governo enfrenta na área ambiental diante das pressões que sofre. Mais uma vez a esperança, que venceu o medo, está sendo ameaçada pela realidade — no caso, o fato consumado dos produtores do Sul. De um la-



do as promessas de campanha, de outro a lógica do mercado alimentando a aflição de um desenvolvimento a qualquer custo. Pelo que se diz, os transgênicos vieram para ficar, já que fazem bem à economia, não importa o mal que possam vir a fazer à nossa saúde.

A ministra não é xiita. Ao contrário, ajudou a tornar vitoriosa a tese de que é possível desen-

volver a Amazônia sem destruí-la e sem também transformá-la em santuário. Não está questionando nem a discutível legalidade da medida provisória. Resignou-se a reivindicar o mínimo: “Só estou pedindo cautela, precaução.” Ou seja, a necessidade de estudos sobre o impacto que esses organismos geneticamente modificados podem causar no meio ambiente e na gente. Se nem isso consegue, se não consegue a “transversatilidade”, sua idéia de levar a preocupação ambiental a outros ministérios, em alguns dos quais ainda há a crença de que a defesa do meio ambiente atrapalha o progresso tirando emprego, quando acontece o contrário (no Rio, por exemplo, foi a poluição do mar que acabou com 80 mil postos de pescadores, assim como foram a erosão e as queimadas que puseram fim a 120 mil empregos na agricultura), resta-lhe que papel?

Como já não participa do núcleo duro do governo e nem faz marketing pessoal, não é justo que a ministra não tenha também voz ativa nas decisões estratégicas de sua área. Como as riquezas naturais da Amazônia, Marina Silva é um patrimônio que precisa ser preservado não apenas como símbolo.